
Raf
Vallone

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 33)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

Músico, futebolista, advogado, jornalista

RAF VALLONE

tornou-se actor de cinema aos 30 anos





«Cristo Proibido» foi o filme que assinalou o noivado de Ralf e Elena. O amor ultrapassou os limites da ficção... e o Menino Cupido ficou muito satisfeito com a sua partida...

Novamente reunidos noutra película, Elena parecia disposta a fazer a vida cara a Raf, a avaliar pelo «brinquedo» que tem na mão. Mas, claro, era apenas... fita!



Primeiro amaram-se num filme ... e depois O AMOR continuou na vida real!

Um «astro» e uma «estrela» são contratados para interpretar um filme. A história exige que eles se apaixonem um pelo outro... diante das câmaras, está visto. Mas, a certa altura, o «astro» e a «estrela» começam a levar a coisa a sério, e o romance acaba mesmo num casamento a sério. Pois foi assim mesmo. Raf Vallone e Elena Varzi amaram-se num filme... e casaram semanas depois.

Um instantâneo obtido durante as filmagens de «Cristo Proibido». A meio dos trabalhos de rodagem já Vallone fazia um namoro descarado à «vedeta» do filme. Convidava-a para lanchar, tirava-lhe fotografias, etc... e depois afirmava aos jornalistas que «não havia nada».



DON Giovanni trabalhava com legados, confrontava códigos e aplicava leis com a desenvoltura e o prazer de quem obedece a uma vocação.

Tinha nascido para ser advogado. Exercia a carreira com êxito. Tinha muitos clientes. Posição social. No momento em que começa a nossa história, tinha, além disso, um filho recém-doutorado em leis, o que, segundo os seus mais íntimos desejos, equivalia a ter assegurada a sua continuidade.

«Este meu filho é um verdadeiro homem!» — pensava, satisfeito, ao mesmo tempo que enumerava mentalmente as melhores qualidades do rapaz. Forte de corpo e de espírito, inteligente, apaixonado, voluntarioso, sensato e bom, apenas precisava de ser refreado nalguns arrebatamentos bastante inconvenientes. Os desportos serviam-lhe de válvula de escape. A música era a pedra de toque da sua sensibilidade.

Suspirou, contente, com a análise do carácter de seu filho, porque, dentro do seu lar, o panorama era seguro e confortante. E estava com estes pensamentos quando se abriu a porta do escritório onde se encontrava a trabalhar havia algumas horas. Metódico e tenaz, costumava dedicar aos assuntos que lhe entregavam todo o seu saber e eloquência, sem fugir a esforço algum.

Levantou o olhar e sorriu, ao ver a silhueta do filho tão querido recortar-se no quadro de luz exterior. Ali dentro apenas estava acesa a lâmpada do candeeiro colocado em cima da secretária. Don Giovanni gostava de manter o seu gabinete numa



semi-penumbra agradável, propícia à meditação e recolhimento. Era um aposento amplo e mobilado com requinte. As paredes eram cobertas por altas estantes repletas de grossos volumes, cuja letra miúda e apertada guardava as experiências de todos aqueles que trabalharam com a Lei durante vários séculos. Um grande candeeiro de bronze dourada realçava aquela severa elegância, afastada do bulício, onde a cabeça da família trabalhava e se sentia feliz.

— Que se passa, Rafael? Vem cá e conta-me. Estiveste no Palácio da Justiça? Muito cedo te cederei esta cadeira! De ti depende dizer a data. Eu queria...

O jovem não o deixou terminar. Trazia um ar taciturno, a testa contraída. Olhou-o com firmeza. Roçou a mão direita num monte de papéis que, sobre a mesa, pareciam aguardar a carícia, e, com aparente calma, que a voz atraiçoava, expôs sem subterfúgios a sua opinião.

— Ouve, papá. Desde há alguns dias que estou a procurar a maneira de to dizer, porque me custa dar-te o mais pequeno desgosto, e eu sei que isto te vai ferir. Sei com quanta ilusão tens estado à espera que eu terminasse o curso para me teres a teu lado, não como mestre, mas para teu substituto. Mas tenho de confessar-te que não me

Antes de se tornar actor de cinema, Rafael Vallone era um atraente mocetão que muitas raparigas requestavam. Mas ele queria apenas estudar e jogar o futebol.

sinto inclinado para exercer a advocacia. Cansa-me! Desespera-me a ideia de que a minha vida não tenha outros horizontes que o Código Penal... o Direito Romano... etc.

O temperamento exaltado saía por todos os poros e a voz de Rafael aumentava de tom e excitação.

— Que me estás a dizer? — perguntou o pai, sabendo, no entanto, que nada havia a perguntar.

Quando o filho tomava uma decisão era inútil tentar contrariá-lo. Todavia, procurando uma saída, ainda objectou:

— Não te precipites. O meu escritório marcha sòzinho. Exige-te muito pouco esforço. Podes alternar este trabalho com outra coisa que te dê mais prazer. Desde o dia em que vieste ao mundo, enquanto a humanidade se matava numa guerra sem quartel, ao tomar-te nos meus braços pensei — e o meu sonho mais se intensificou com o decorrer do tempo — ver-te convertido num homem de Leis, que discutisse comigo, trabalhasse comigo, e que na hora de eu morrer...

Raffaele sentiu um estremecimento fundo e deu uns passos, quase involuntàriamente, para a poltrona de seu pai. Tão perto se achavam um do outro que lhe pôde colocar a mão no ombro, apertando-o afectuosamente, fingindo uma despreocupação que estava longe de se sentir.

— Quem fala agora da derradeira despedida? Caramba! Com a idade só dizes disparates. Pareces quase tão jovem como eu e sabes muito bem que não te faço falta nenhuma. Compreendo que por um sentimentalismo, aliás muito natural, desejes que exerça a mesma profissão que tu. Mas, uma vez que não me agrada, não me obrigues a desobedecer-te. — Espreitando-lhe as pupilas que adivinhou húmidas de ternura, esclareceu: — O que mais desejo é continuar a estudar.

— Continuar a estudar? Estudar o quê? Não te basta um título universitário? — perguntou sem poder, no entanto, dissimular a sua orgulhosa vaidade diante daquele rapaz que nos melhores anos da sua juventude queria entregar-se de novo à disciplina intelectual, quando a maioria tenta esquivar-se a ela.

Ficou a olhá-lo e, depois de o envolver numa expressão protectora, concedeu:

— Se é esse o teu desejo, estuda, meu filho. Estuda o que tu quiseres. Afortunadamente, podemo-nos permitir o luxo de continuar a manter-te.

— Obrigado, papá, não te arrependerás. Trarei tão boas classificações como antes. Não perderei um só exame.

— Se o desporto e as saias não interferirem, não é verdade? — perguntou o advogado com malícia.

— Sabes que só me interessa o futebol, e desde que nos «roubaram» um campeonato, considero-o apenas um desporto físico. E quanto a saias...

— Quando te casarás, se passas a vida a estudar?

— Oh, papá! Um lar! Creio sinceramente que não hei-de servir para chefe de família. Sou demasiado inquieto, e um lar significa paz.

Riram como dois bons camaradas. Acenderam dois cigarros e continuaram a conversa.

— Matriculei-me na Faculdade de Filosofia. Também estudarei os clássicos latinos. Cátulo interessa-me apaixonadamente. As suas poesias encerram uma força dramática que ainda não foi reconhecida. Quero reabilitá-lo, torná-lo mais acessível, aproximá-lo de todas as mentes, popularizá-lo...

Dava gosto ouvi-lo falar, dar as suas opiniões sobre o que deveria ser a sua carreira literária e o seu amor pelos assuntos intelectuais.

★

RAFFAELE, o aplicado filho de Don Giovanni, nasceu a 17 de Fevereiro de 1918, em Tropea, tranquila e risonha vila calabresa, quando os canhões impunham sobre o continente a lei do mais forte. Assim que se restabeleceu a paz, o chefe da família,



Em «Guendalina», um dos seus mais recentes filmes, Vallone teve como parceira uma francezinha encantadora, Jacqueline Sassard. Na imagem, vêmo-los num intervalo de filmagens, a conversar e a fumar.

com sua esposa Dona Catalina e o pequeno que lhe enchia a alma de grandes esperanças, passou a residir em Turim. Precisava de maiores horizontes para poder dar um belo futuro ao filho! Com o olhar abrangia todo o futuro ao mesmo tempo que colocava na porta de sua casa uma placa onde se lia: «Giovanni Vallone — Advogado».

Seu filho Raffaele havia de converter-se, anos mais tarde, num famoso «astro» do cinema, usando o diminutivo familiar Raf Vallone. Mas... Quanto caminho faltava ainda caminhar!

Muito pequeno ainda, mostrava já grandes faculdades musicais, vocação herdada certamente da mãe, que tocava o bandolim com reconhecida eficiência.

A criança agarrava-se constantemente saias da mãe, pedindo na sua linguage balbuciante e imperiosa:

— Dá-me música, mamã!

— Tenho muito que fazer, meu céu. música é para os momentos livres. Lo logo; quando eu terminar. Se ficares tra quilo acabarei isto num instante.

— Não, agora! — insistia o pequeno, r velando-se teimoso e anárquico nas su exigências.

— Já te disse que não. Deixa-me tr balhar!

— Então vou cantar-te uma serenata.

Vendo-o tão embevecido a cantar, na su língua de trapos, partituras inteiras, a m decidia animar-lhe a sua precoce vocaç

Dava-se por vencida e, abandonando os trabalhos caseiros, satisfazia-lhe então a vontade, tocando o bandolim.

O menino ficava horas a ouvi-la. Temperalmente irrequieto e fogoso perdia a noção do tempo e das coisas sempre que sua mãe acedia em tocar.

Quando acabava os seus concertos íntimos, Dona Catalina pegava no filho e dizia-lhe:

— Estudarás música, não é verdade, meu amor? Para me dares o prazer de tocar comigo...

— Tocarei violino e jogarei futebol — afirmava, muito convencido, o garoto.

— Futebol?... Um bom músico não deve jogar futebol... E, além disso, eu não gosto.

— Porquê? — perguntava o filho, muito admirado.

— Porque te fatigas; suas muito e podes constipar-te.

— Sou forte... Olha! — batia no peito, sorria, e, certo de que convenceria a mãe, pedia com obstinação: — Quero uma bola igual à dos jogadores!

— Não podias com ela! É maior do que tu.

— O Mário tem uma e faz-me rabiar quando vai brincar com ela, e não ma quer emprestar.

— Está bem. Havemos de falar disso ao papá.

Pouco tardou a cumprirem-se os seus vaticínios. Dias depois, o lar tranquilo dos Vallone foi surpreendido por vozes exaltadas, vindas da rua.

— Dona Catalina! Dona Catalina! — gritavam sem cessar.

Acudindo à chamada, a senhora interrompeu a sua tarefa e abriu a janela, deitando meio corpo de fora, ansiosa de saber o que se passava.

— Desça, desça, minha senhora — insistiam.

Ladeado do produtor Sandro Pallavicini e do Dr. Nicola de Pirro, Director-Geral dos Espectáculos de Itália, Raf Vallone recebe uma distinção internacional. Sua mulher assiste, com um sorriso bem justificado.



— Que se passa? Voltaram a zangar-se? Já estou mesmo a ver!

A única coisa que viu foi um redemoinho de crianças a gritar, assustadas. No meio d grupo, sentado sobre uma pedra, pôde distinguir Raf, no momento em que o mais decidido explicava:

— Não, senhora. Não nos zangámos. É Raffaele que não se sente bem, e não quer subir, nem nos deixa jogar...

— Nossa Senhora! — exclamou, fechando a janela precipitadamente.

Num instante, Dona Catalina desceu as escadas e achou-se no meio dos que seguravam o pequeno enfermo, que teimava em segurar a bola. Uma bola do regulamento!

Os olhos injectados de febre, os dentes a baterem, mas querendo mostrar a sua força de vontade, levantou-se, mas imediatamente caiu no chão. Dona Catalina recolheu-o nos braços, abanando a cabeça:

— Esse futebol! Eu bem tinha razão!

Ao tomar contacto com o corpo do filho, ficou atemorizada ao verificar que este ardia em febre. Assim que o deitou na cama, chamou o médico. Enquanto esperava a chegada deste, sentou-se à cabeceira do garoto, que delirava com a febre. A temperatura cada vez subia mais. O termómetro marcava 40° com angustiante persistência.

— É um simples caso de resfriamento, ou de gripe, se o preferem — explicou o médico. — Vamos tomar providências para que a febre desça imediatamente.

Mas as horas passavam e o termómetro teimava em não baixar.

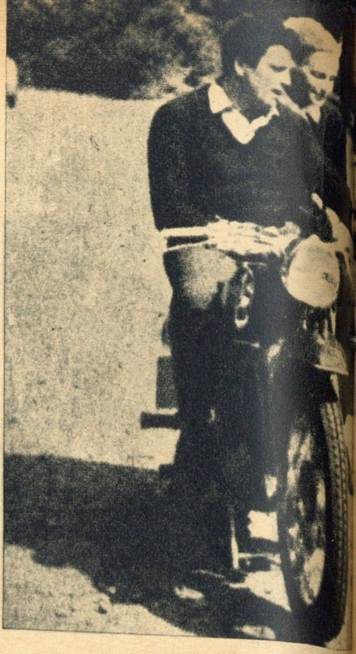
— Quero a bola de Mário! Uma bola de verdade! — suplicava com um fio de voz que mal se ouvia.

Quem seria capaz de resistir a semelhante pedido, de uma criança que ainda não tinha feito sete anos?

Trouxeram-lhe, não a bola de Mário, mas outra igual, nova, grande e muito bonita.

As pupilas do doentinho brilharam de felicidade. Deixou pôr o termómetro sem protestos. Mantinham-se ainda os 40°.

— Vamos, filho. Agora vais dormir quietinho. O repouso far-te-á bem — disseram-lhe assim que se fez noite.





Raf e Maria Schell fizeram-se bons amigos **desde que começaram a trabalhar juntos no cinema. Durante as filmagens de «Uma Rosa no Lodo», o fotógrafo do estúdio gostava de os «caçar» juntos.**

— Deixa-me a bola e eu dormirei. Quero tê-la comigo.

Inútil será dizer que lha deixaram e que, em vez de dormir, passou horas a jogar silenciosamente em cima da cama.

Na manhã seguinte, a febre tinha diminuído.

Hoje, ao recordar esse episódio, Raf explica-o como um milagre de uma ilusão satisfeita. Também a música encontrava gratas ressonâncias no coração do pequeno amimado, inteligente e voluntarioso. No entanto, apesar da sua comprovada vocação, suportava as aulas com dificuldade, e submetia-se a elas com violência.

— Não gosto das coisas que a professora me faz estudar — comentava aos pais.

— Tem paciência, depois gostarás.

— Só quero tocar...

— Para tocar, tens de aprender, primeiro, certas coisas.

— Ela explica-as tão mal... E, além disso, se me distraio, ralha comigo... Aborrece-me; é uma pedante — afirmava, com ares de entendido.

— Filho! Quem és tu para julgar uma pessoa mais velha?...

Obrigado a ceder, vingava-se à sua maneira. A professora apresentava contínuas queixas do pequeno. Até que um dia, cansada de tantas impertinências, despediu-o.

Como único comentário, Raf disse para si mesmo: «Assim, já poderei jogar o futebol sempre que queira».

★

EMBORA conservando viva a sua paixão musical, deixou-se ficar como simples amante dessa manifestação artística. Em contrapartida, os desportos foram ganhando terreno até ao ponto de o levar a competições oficiais.

Don Giovanni tomou o assunto a seu cargo e, um dia, disse-lhe:

— Está bem que te atraiam os desportos, não me oponho. São saudáveis e ajudar-te-ão

na luta pela vida. Mas não esqueças que, acima dos desportos, estão os estudos. Quando me trouxeres uma nota ma, despede-te deles.

Registou a advertência. E estudava tanto, que nem os constantes entretenimentos nem as travessuras fizeram baixar as suas notas.

A escola foi, para o irrequieto Raf, um magnífico campo de experiências onde imperava a lei do mais forte. De acordo com o seu camarada Guido Carboni, propôs aos condiscípulos:

— Se não houver um que mande, não nos entenderemos... Proponho que o vencedor do torneio de lutas que vamos fazer entre todos os da nossa classe, seja o chefe. Concordam?

A ideia teve plena aceitação.

Ganhou o nosso homem, e, com o seu amigo, impuseram-se tão acertadamente que quando alguém tentava desobedecer-lhes, levava uma tareia mestra capaz de convencer o mais telhudo. E o curioso era que, em questões de autoridade, não faziam distinção de idades nem de sexo.

As raparigas procuravam-no, pedindo a sua protecção e amizade, apesar da indiferença com que as costumava tratar. Para conseguirem um pouco de conversa tinham de lhe falar de futebol.

— És um goleador formidável! — dizia alguma das suas admiradoras.

— Não há quem apare os teus tiros — dizia outra.



Manda quem sabe!

Como em todas as equipas, nos «plateaux» manda quem sabe. E quem sabe... já se sabe, é o realizador. Vejamos, na imagem de cima, Raf Vallone e Michèle Morgan escutando com a maior atenção as indicações do director Jean Delannoy, que os dirigiu em «Obsessão». Na foto da direita, o meticuloso realizador Marcel Carné instrui Vallone e Simone Signoret sobre a maneira de actuarem na próxima cena (do filme «Teresa Raquin»).

As respostas costumavam resumir-se mais ou menos nisto:

— Se forem no domingo ao campo, dedicar-lhes-ei alguns pontapés...

E afastava-se, satisfeito, traçando graciosos arabescos com os pés, como se entre eles tivesse a sua querida bola.

Do colégio passou para o liceu. Do liceu para a Universidade, e participou nos Campeonatos sempre como figura destacada, enfeitando o seu corpo com algumas cicatrizes.

Cada vez que recolhia a casa, magoado, os pais trocavam um olhar inteligente que Dona Catalina traduzia em palavras, assim que se achavam a sós:

— Tem cuidado! Entregas-te ao jogo como um louco! Desgostas o papá! Qualquer dia matam-te com um pontapé!

Raf fazia-se perdoar à força de beijos e frases optimistas.

— Ora! Um arranhãozito! Isto não é nada! Uns meses de sossego e acabou-se! — comentava, depois de uma partida contra o «Roma».

— Nada, dizes tu! Faltas à aula! Os teus estudos vão ressentir-se! Sabes que o papá não admite más notas...

— Porque hei-de tê-las? Os amigos ajudam-me... São as minhas melhores «cábulas». E, sem outras distracções, estudarei melhor... — rebatia, eliminando dificuldades, embora, apesar dos optimismos, o tal arranhão lhe custasse três meses de imobilidade.



A sua equipa predilecta era o «Juventus», de Turim. Por ele fazia qualquer sacrifício, suportava qualquer queda. No entanto, quatro pontos de sutura na língua e outros três sobre a sobrancelha esquerda, eram os únicos troféus ganhos em tais lides.

— Mamã! Tudo isto vale uma vitória! — afirmava à sua progenitora. E acrescentava, levando o caso para a brincadeira: — Deram-me um encontrão que me fez ir contra o muro de cimento que fecha o campo de jogo. Sem dúvida, confundiram-me com a bola...

Levando as coisas assim, matriculou-se na Faculdade de Medicina. Tinha pensado ser médico, e especializar-se em cirurgia tráumatica. Trataria dos desportistas.

Acolheram-no com entusiasmo. Entre os universitários gozava de grande merecimento, devido às suas proezas. Mas...

— Isto não é para mim — confessava aos companheiros, olhando, enfadado, para os mapas de anatomia.

Desagradàvelmente impressionado, mudou de rumo. Uma vez que o pai era advogado e desejava tê-lo ao pé dele, não o desgostaria nisso. Estudaria leis. A decisão foi rápida, aliás como todas as suas, incluindo a de abandonar o futebol oficial.

A todos que tentavam interceder nesta sua decisão, ele respondia:

— Procurámos ganhar o Campeonato Universitário. E merecemo-lo. Ficámos sem ele, apesar de jogarmos muito melhor... Paciência! Sejam felizes! A culpa será de quem não souber defender os nossos direitos. Eu retiro-me em paz!

— Não conseguirás passar sem futebol!...

— Jogarei para me distrair. Tal como pratico outros desportos...

Não voltou a vestir a camisola oficial.

Com a sua tenacidade habitual conseguiu o Diploma de Doutor em Leis. As suas ideias concentravam-se nos livros. Ajudaria o pai.

Seria o seu ajudante e seu discípulo. Começou por ler os expedientes em curso.

Mas outra decepção o esperava! Aquele prosaísmo enervante dos papéis selados sufocava-o. Levantava-se da cadeira, num repelão, acendia um cigarro e punha-se a reflectir.

Tão pouco as Leis e a burocracia lhe agradavam. Na prática, tinham um sentido muito diferente do que ele imaginava. Aplicavam-se com desigual critério, segundo conviesse ao assunto que íam defender.

Era simplesmente odioso! Lamentava-o pelo papá! Acabaria por convencê-lo. Ainda era muito jovem. Continuaria a estudar... Sentia-se atraído pela literatura, pela filosofia, pelos grandes poetas da antiguidade...

O seu horizonte tinha-se desanuviado!

★

Profundamente estudioso, e dotado de um espírito bastante insatisfeito, Raf andou durante muito tempo em busca do caminho profissional que melhor se coadunasse ao seu temperamento, sensibilidade e tendências. Apaixonou-se pela música, firmou-se em advocacia e foi um desportista emérito...



NÃO foi músico, nem futebolista, nem advogado. Readmitido novamente na Universidade, aplicou-se nas novas disciplinas que mais directamente se adaptavam à sua autêntica personalidade. Apaixonado e sensível à beleza, costumava exclamar:

— Tudo o que se criou em nossa volta é superior a nós mesmos!

Admirava a natureza. Sentia-se identificado com ela. O mar emocionava-o, a terra embevecia-o. Era, à sua maneira, um poeta. Como encerrá-lo num reduzido ambiente de um árido escritório?

Nem por um momento se arrependeu de ter fugido dele. Lamentou, pelo contrário, as suas diabruras com a professora de violino, porque a música continuava a apaixoná-lo. Poderia ter sido um bom intérprete, talvez até um bom compositor, e aquela professora incompreensiva e enfatuada era a culpada de que se tivesse malogrado a sua vocação.

— Não a podia suportar. Que pedante! — exclamava ainda, ao recordar-se dos episódios ocorridos.

No entanto, continuava, por sua livre vontade, a exercitar-se no violino, e dava audições familiares. Quando se sentia fatigado, gostava de percorrer as notas de música, pois sabia que a música agia como infalível calmante no seu espírito inquieto. Quantas vezes tinha refreado o seu temperamento na doce música de violino?! Quando compreendia que qualquer ambiente se lhe tornava pesado, franzia o sobrolho e encerrava-se no seu quarto.

Dona Catalina aparecia com o seu bandolim, assim que soavam as primeiras notas.

— Que tens tu? Apetece-te tocar? — dizia-lhe, sorrindo docemente. — Eu também necessito...

— Que bem me conheces! — exclamava ele, beijando-a como uma criança.

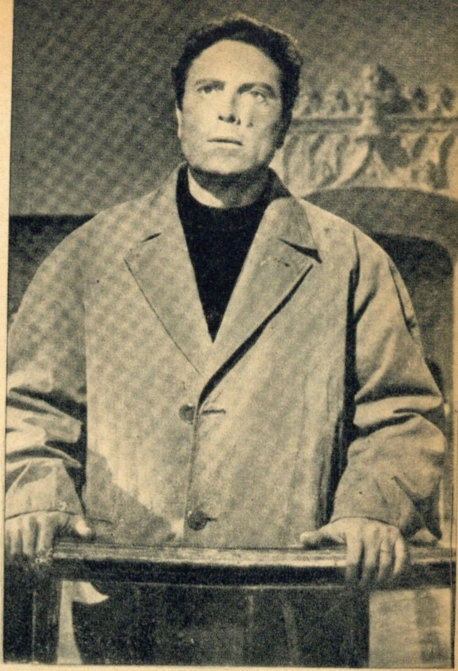
— Não te hei-de conhecer! Herdaste a minha sensibilidade, filho. Que se passa contigo? — insistia, ansiosa de o consolar.

— Nada. Simplesmente desejo evadir-me de tanta vulgaridade — respondia, esquivando-se a uma resposta concreta.

— Compreendo-te, meu filho. Temos-te amimado demasiado. Vives sem problemas... Por isso qualquer contrariedade, para ti, toma logo aspecto muito maior do que na verdade tem. Discutiste com os teus amigos? Esse feitio...

— Nem me lembro já do que motivou este arrebatamento — confessava, antes de pedir: — Vem. Tocaremos juntos.

E, identificados numa aspiração comum, as horas passavam-se.



...Depois, continuou a estudar e doutorou-se em Filosofia. Foi então que se sentiu inclinado para a profissão jornalística, e foi crítico desportivo, teatral e cinematográfico. Finalmente, encontraria no cinema o mundo aliciante para o seu espírito sedento de Arte.

★

ALCANÇADO o título de doutor em Filosofia, começou a caminhar na vida por conta própria. A Universidade e os desportos tinham-lhe proporcionado valiosos amigos. Foi aluno do Presidente da Repú-

Raf e Maria Schell, que contracenaram juntos, pela primeira vez, em «Uragono sul Po», formaram um dos mais românticos pares do cinema.



blica, Einaudi, e do jornalista desportivo Casalbore, morto, mais tarde, num acidente de aviação quando acompanhava uma equipa de futebol...

Jornalismo!... Eis uma actividade que se poderia conjugar com o temperamento inquieto do fogoso rapaz, transformado já num homem.

— Queres ajudar-me? — perguntou a Casalbore, depois de lhe expor as suas pretensões.

— Ajudar-te-ei, mas, diz-me primeiro, que gostarias de fazer? Esta profissão oferece tantas facetas...

— Estou preparado para colaborar em qualquer secção. No entanto, sinto-me inclinado para a investigação literária, a crítica desportiva, o teatro, o cinema... Dá-me a oportunidade de entrar numa redacção e então tentarei especializar-me. O ambiente em que se movem os jornalistas atrai-me. Acho-o maravilhoso. É um mundo diferente dos outros...

— Mas tem cuidado. A tinta de imprensa é como um veneno. Uma vez que se prove, já não há salvação possível...

Raf ouvia-o, entusiasmado.

— Estou convencido de que me sentirei feliz entre vocês.

Começou a colaborar na «Gazeta do Povo». Depois passou a comentar e a recitar poesias do seu poeta favorito, Cátulo. Foi crítico desportivo, teatral e cinematográfico.

As suas crónicas e artigos eram de uma dureza tremenda. Criticava de tal modo pessoas e coisas que nas tertúlias era temido e respeitado. As opiniões do temível jornalista tinham, porém, vários defensores, e acabou por se formarem grupos.

Queria mudar tudo: revolucionar o cinema, os seus métodos e técnica. O cinema começou a interessá-lo especialmente. Procurava-o para a controvérsia construtiva.

— Depois do surpreendente ressurgimento do após-guerra, nós estacionámos — repetia diante dos responsáveis pela produção cinematográfica do seu país.

— Que poderemos nós fazer? Faltam-nos elementos. Não temos dinheiro.

— Meios? E dantes, havia-os? A rua é o melhor «set». As pessoas simples, o melhor assunto.

— Porque não te tornas realizador? Então, não criticarias tanto.

— Penso chegar a sê-lo. Não sei quando, mas hei-de sê-lo — prometia, deixando de sorrir e franzindo o sobrolho.

Mas, embora tivesse os olhos postos na carreira de realizador, Raf passou inesperadamente a fazer parte das filas de actores.

De Santis, o conhecido realizador, preparava as filmagens de «Arroz Amargo» e, interessado pelas ideias revolucionárias de Vallone, com cuja amizade contava, quis recolher a sua opinião antes de começar a rodagem do filme.

Convidou-o a conversar com ele. Embebidos numa entusiástica conversa, a que algumas bebidas emprestavam maior calor, as ideias afluíam e o plano concretizava-se. As objecções do jovem jornalista interessavam o realizador.

— A câmara deve olhar para fora. Não há nada mais formoso que a Natureza. Nenhum problema tão interessante como os do povo. Quando eu dirigir...

As ideias de Raf pareciam inspiradas no assunto de «Arroz Amargo». De Santis bebia, ouvia e pensava.

De repente, olhou com insistência para o companheiro, como se acabasse de o conhecer. O tipo atlético e fogoso do universitário pareceu interessá-lo sùbitamente. Boa figura, amplo de costas, musculoso, feições atraentes, pupilas que sabiam rir e também endurecer, punhos fortes...

Era isso: punhos! A ideia concretizou-se em palavras:

— Queres fazer uma prova no estúdio?

— Eu, actor? — riu, divertido.

— Porque não? Entendes o suficiente de cinema para te pores diante duma câmara sem medo.

— Não estaria mal... O crítico... criticado!



Novo triunfo:

Sensacional ESTREIA DE RAF VALLONE nos palcos PARISIENSES!



Foi verdadeiramente inesperado e sensacional o êxito de Raf Vallone na sua apresentação no Teatro Antoine, de Paris, com a obra de Arthur Miller, «Vu du Pont», que lhe valeu os mais elogiosos adjectivos da difícil e dura crítica francesa. Foi a primeira vez que um actor italiano recitou o seu papel em francês. E agora, o próprio Miller quer que Vallone interprete, em Hollywood, a adaptação cinematográfica da peça, em inglês. Pelo camarim do famoso actor desfilaram as principais figuras do cinema, do teatro, da literatura, para felicitá-lo pela sua magnífica actuação e pelo imponderável esforço que realizou representando num palco em língua estrangeira. O triunfo do «astro» italiano nos tablados parisienses obrigou-o a assinar novo contrato para o mesmo Teatro Antoine.



Muitas figuras notáveis do teatro, do cinema e das letras visitaram Raf Vallone no seu camarim do Teatro Antoine, a fim de lhe manifestarem a sua admiração por tão grande triunfo nos palcos. Na imagem da esquerda está a sua compatriota, a retumbante Sophia Loren, a abraçá-lo afectuosamente; e na foto de cima vêmo-lo a receber elogiosas palavras da escritora-coqueluche Françoise Sagan.

OS PRINCIPAIS CAPÍTULOS DA VIDA DE RAF VALLONE

★ **Nasce a 17 de Fevereiro de 1918, na Vila de Tropea, na Calábria. Filho de Catalina Vallone e do advogado Giovanni Vallone, recebe o nome de Raffaele Vallone — Raf, segundo o diminuitivo familiar.**

★ **Desde criança que demonstra especial vocação para a música, ao mesmo tempo que revela grande entusiasmo pelos desportos, particularmente o futebol.**

★ **Acedendo aos desejos do pai, tira o curso de advogado. Simultâneamente, torna-se um futebolista de mérito, participando em campeonatos oficiais, numa equipa universitária.**

★ **Desiste da carreira de advogado e liciencia-se em Filosofia.**

★ **Atraído pelo jornalismo, faz-se crítico desportivo, teatral, literário e cinematográfico. Começa a apaixonar-se pelo cinema, e ambiciona ser realizador.**

★ **Aos 30 anos estreia-se inesperadamente na tela como actor, em «Arroz Amargo», incitado pelo realizador Giuseppe De Santis.**

★ **1952. Casa com a actriz Elena Varzi, que conheceu durante as filmagens de «Cristo Proibido».**

★ **1953. Nasce uma filha, Eleonora.**

● **1955. Mais dois descendentes: os gémeos Savério e Arabella.**

— Assusta-te?

— Não me assusta, mas é uma grande responsabilidade.

— Actuando num filme, experimentarás o que vales, e avaliarás melhor o que deve ser um actor.

— Raf Vallone, actor... — repetia, irónico.

— E num papel estupendo — tentava De Santis.

— Qual?

— O de sargento. Tipo simpático, bom, e que, não esqueças, anda ao murro volta e meia...

O rosto do interrogado, até então taciturno e pensativo, iluminou-se com um sorriso diabólico ao exclamar:

— Tentemos! Ao fim e ao cabo, não se perde nada em experimentar.

A experiência resultou. E, então, com trinta anos, Raf Vallone, licenciado em Leis e Filosofia, apareceu pela primeira vez na tela (junto com outra figura desconhecida, a explosiva Silvana Mangano) por obra e graça de...

— Estou certo de que devo isto a uns copitos a mais, pois era a última coisa em que eu pensaria, esta de ser actor. Mas não o lamento, pois encontrei no cinema tudo quanto o meu espírito ambicionava — afirma Raf, quando lhe tocam no assunto. — Amo a arte em todas as suas manifestações. E o cinema parece-me a sua mais perfeita síntese.

A sua decisão causou furor, pois o crítico punha-se em condições de ser criticado.

— Que tal? Muitas emoções? — perguntavam-lhe os amigos entre sorrisos trocistas.

— Emoção? Nenhuma! Depois de se ter ouvido milhares de espectadores a rugir nos campeonatos de futebol, tem-se os nervos bem temperados — respondia o ex-jogador do «Juventus». — Um campo de desportos cheio de público é um belo treino para conservar a serenidade.



Vallone foi chamado aos estúdios de Madrid para interpretar, ao lado de Carmen Sevilla, a película «A Vingança». Eis os dois famosos artistas no «plateau», ao serem entrevistados por António Serrano, correspondente da revista «Plateia» naquela cidade.

Como sempre tinha acontecido até então, também no cinema entrou pela porta principal. Um ano depois, o mesmo De Santis voltava a procurá-lo para interpretar «Não há paz entre as oliveiras», agora tendo como parceira Lúcia Bosé.

Deslocou-se até à agreste região da Ciociária, terra montanhosa, de poucos pastos e mulheres lindíssimas, muitas das quais, segundo a tradição, descem até Roma para ganhar a vida como floristas da Praça de Espanha, em casas de modas ou nos estúdios de pintores.

Raffaele, enamorado do campo, gozou ali um merecido descanso espiritual. Debaixo das oliveiras costumava sonhar. Estava no momento culminante da sua vida, tinha passado já metade da sua existência. Uma vida anárquica, sem problemas nem obrigações a cumprir. Era livre, dono absoluto das suas caprichosas decisões.

Vestindo a samarra de pastor, que tão bem assentava na sua compleição atlética, embriagava-se com a paisagem montanhesa, e apreciava o temperamento apaixonável daquela gente com uma vida quase primitiva, que matava e morria por amor. Um amor simples, com muito de primitivo e de bestial. Pessoas que amavam e odiavam. Pessoas que viviam... Enquanto que ele...

Com quanta ternura recorda a melhor anedota da sua carreira de actor!

Para dar maior realismo às cenas, De Santis tinha trazido para diante da câmara autênticos pastores. Explicou-lhes as suas funções. Consistia em procurar que Raf (Francisco no filme) escapasse à perseguição da







Raf Vallone e Maria Schell viveram em «Uma Rosa no Lodo», uma das mais emotivas histórias de amor do «écran», compondo, com os seus fogosos temperamentos artísticos, duas personagens amorosas verdadeiramente trepidantes. Nas imagens destas páginas, podemos ver os dois magníficos artistas numa cena da película.



polícia. Os delitos de que o acusavam, tinha-os cometido por amor.

Rodou-se a sequência e os pastores ficaram livres para voltar às suas casas. Raf, segundo o seu costume, deitou-se debaixo duma oliveira, procurando a sua sombra acolhedora. Os pastores, em vez de se irem embora, ficaram a falar em grupos. Discutiam. Por fim pareceram ficar de acordo. Raf observava-os, distraído, quando o mais velho se lhe acercou:

— Olha, Francisco — disse, olhando com mal dissimulado receio os da equipa técnica, que andavam a recolher o material. — Decidimos salvar-te. Esta tarde aproxima-te de Quercia sem que ninguém te veja. Nós havemos de te esconder, e ninguém dará contigo. Gostamos de ti e não queremos que a polícia te prenda.

Na sua ingénua bondade, e apesar de terem estado a filmar, aqueles pastores não compreendiam que tudo aquilo não passava de ficção...

AFIRMANDO a sua verdadeira personalidade de actor, fez vários filmes: «Il Bivo», com Charles Vanel; «O caminho da Esperança», e «Cristo Proibido», com Elena Varzi; «Coração sem Fronteiras», com Gina Lollobrigida; «O cavaleiro sem lei», com Silvana Pampanini; «Ana», de novo com Silvana Mangano; «Camisas Vermelhas», com Anna Magnani...

Estava-se no ano de 1952 quando, depois de ter tido como companheiras as mulheres mais atraentes e «explosivas» do cinema italiano, começou a sentir-se atraído por aquela com quem filmara «Caminho da Esperança» e «Cristo Proibido».

Era evidente que Elena Varzi o tinha conquistado. Ele lutava, tentando não se entregar, pressentindo talvez que seria uma entrega absoluta. E ele amava a liberdade, a sua independência. Mas...

— Quando te casas? — inquiriam aqueles que o viam acompanhá-la.

— Referes-te a Elena? — perguntava por sua vez, pondo-se na defensiva.

— Pois claro! A quem havia de ser? Não a deixas nem de noite nem de dia...

— Elena é uma boa amiga... A melhor que já tive e terei — replicava, aborrecido com tais impertinências.

— Nada mais?...

— Também a considero a companheira ideal... É compreensiva, sossegada, tranquila. A seu lado sinto-me bem. Serve-me de freio, ou como calmante para o meu feitio impetuoso e um tanto vulcânico — explicava, sem notar que tanta explicação o atraiçoava.

— Disso ao pedido de casamento, não vai mais do que um passo...

O passo foi dado antes de ir a Espanha para filmar, sob as ordens de Sainz de Heredia, «Os olhos deixam rasto».

★

FILMES e mais filmes. Raf não descansa. O lar torna-se um santuário para ele. O «plateau», a tábua da popularidade. Prossegue a sua carreira com «Carne inquieta», com Marina Berti, e «O herói dos Domingos», ao lado de sua mulher. Esta última película fá-lo reviver muitas jornadas distantes, quando era admirado e temido assim que saltava para o campo de jogos, envergando a camisola encarnada...

— Adoro as crianças! — confessou quando se tornou pai.

A filha é baptizada com o nome de Eleonora. Pensando nas duas mulheres que lhe alegram o lar, continua a trabalhar.

«Destino de Mulher» põe-no ao lado de Martine Carol. «Perdoa-me» traz-lhe Antonella Lualdi. «Teresa Raquin» leva-o a França, onde um concurso popular o classifica como o melhor actor estrangeiro do ano.

Estava a filmar, sob as ordens de Marcel Carné, a cena em que os dois amantes (Simone Signoret e Raf Vallone) discutiam num camião, deitando-se à cara mùtuamente a responsabilidade do assassínio do marido, quando Carné lhe disse, em ar de elogio:

— És o Jean Gabin do após-guerra. O teu rosto exprime com excepcional vigor os estados emocionais.

Todo o Paris que se interessa por cinema notou a chegada do que era considerado o «galã número um» do cinema italiano.

Os companheiros de trabalho levavam-no aos cabarés nocturnos. Exibiam-no.

— «És muito parecido com Burt Lancaster!» — costumam comentar.

— Já mo disseram várias vezes. Gosto de Burt... E também de Henry Fonda.

— E das mulheres?

— Depois da minha mulher, Bette Davis, Ingrid Bergman e outras. Há tantas...

Passeia pela cidade mais cosmopolita do mundo impelido pela sua insaciável curiosidade intelectual e artística. Profunda os meios cinematográficos parisienses, quando já a auréola do êxito o situou no cume, afirmando a sua personalidade superior.

— Paris encanta-me. É pena que chova tanto! Céu como o de Roma, só o encontrei em Espanha. Que belo país! Hei-de voltar lá algum dia...

Anda de guarda-chuva aberto. O olhar atento e o coração cheio de saudades do lar. Elena e a menina não o puderam acompanhar. Seria demasiado fatigante para a pequena. Debaixo das grossas bátegas de água, pensa que foi bom elas não terem vindo.

Escreve-lhes, telefona-lhes, e promete-lhes voltar assim que tiver apresentado «O Caminho da Esperança», o filme que mais lhe agrada, talvez porque graças a ele conheceu a que é hoje sua mulher.

★

QUANDO regressa, pega em Eleonora e conta-lhe belas histórias. Presenteia-a com lindos brinquedos, belas bonecas vestidas como só Paris sabe fazê-lo. A beleza de Paris! De facto, é maravilhoso, não se pode negar... mas falta-lhe sol.

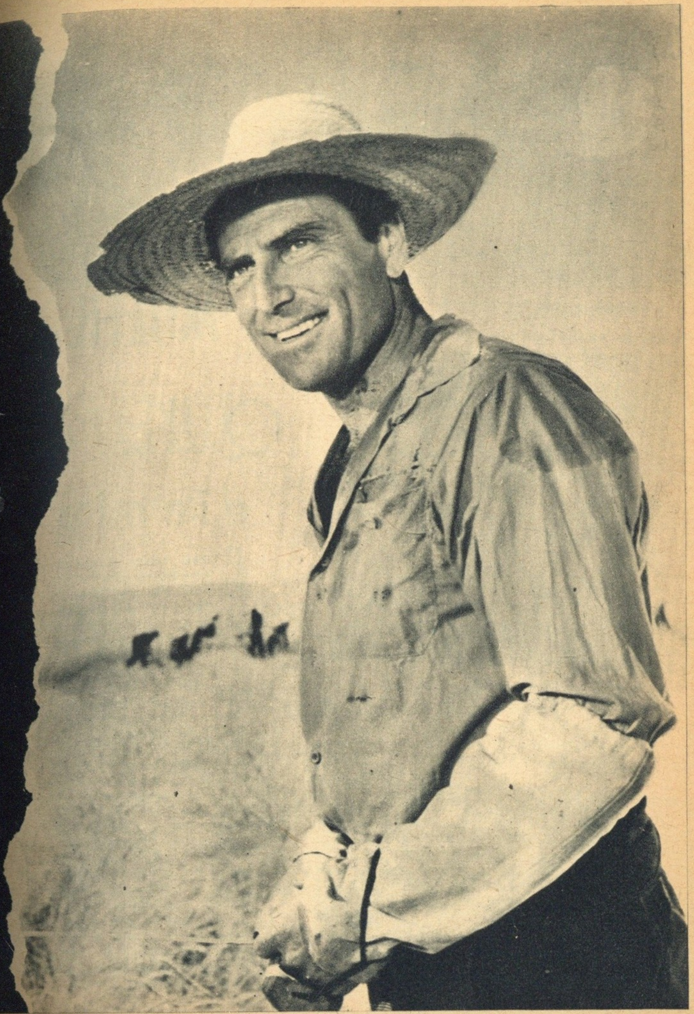
Raf é devoto fervoroso do sol... Ajudou-o muito.

— Também vocês — assegura — fizeram-me compreender todo o valor da «casa» da família...

— Que foi feito daquele boémio incansável? — ri Elena, compreensiva.

— Tu conseguiste prendê-lo. Confesso que não existe nada como isto — afirma, passeando o olhar por tudo que o rodeia. — A tua presença é como um estimulante, e suave como uma carícia...

A esposa escuta, radiante, esta confissão feita após aquela primeira ausência do lar.





Carinhoso com Françoise Arnoul.



AO LADO: Angustiado com Gina Lollobrigida.



Apreensivo com Simone Signoret



Grave com Michèle Morgan

MULHERES QUE ELE AMOU *diante da câmara*



Violento com Tamara Lees

Indiferente com Martine Carol



COMO todos os galãs cinematográficos de primeiro plano, Raf Vallone tem vivido, na tela, os mais diversos romances de amor com muitas das mais bonitas e talentosas «estrelas» cinematográficas. Nos primeiros tempos da sua carreira, logo lhe puseram ao lado as fascinantes «bombas» do cinema italiano, na altura em que os respectivos encantos electrizavam meio mundo. Pode dizer-se mesmo que começou com chave-de-ouro, pois no se uprimeiro filme, «Arroz Amargo», obrigaram-no a «amar» a deslumbrante Silvana Mangano, precisamente quando ela apareceu, muito fresquinha, a pôr a cabeça à roda aos cinéfilos. Depois foi a Gina Lollobrigida, a Lúcia Bosé e quase todas as beldades escaldantes da Cinecittá. E, de então até hoje, desde a francesa Martine Carol à alemã Maria Schell, Raf tem sido um felizardo. Nem lhe escapou a nossa vizinha Carmen Sevilla...

AO LADO: Romântico com Maria Schell.





Ardente com Magali Noel



AO LADO: Inquieto com Elena Varzi... a única que realmente ele amou na vida real.

Ele estreita-a contra o seu coração. Afaga-lhe a cabeça com as duas mãos e beija-lhe os lábios, que se tornaram para ele a fonte da vida, enquanto Eleonora se entretém com os brinquedos que lhe trouxe o papá. O quadro merecia ficar registado para a eternidade.

Depois de um prolongado silêncio, Elena pergunta:

— Que pensas fazer agora?

— Continuar a trabalhar, e escrever.

— Vais tornar-te argumentista?

— Acidentalmente, sim. Tenho um assunto que me parece interessante e não o quero desperdiçar. De qualquer modo, não julgues que desisto da minha ideia. Um dia ou outro encarregar-me-ei da direcção de um filme — declara à mulher que melhor o soube compreender e com a qual se encontra plenamente identificado.

Entretanto, a ficha artística de Raf vai aumentando com novas interpretações. «A Intrusa», com Martine Carol; «Delírios», com Françoise Arnoul; «Obsessão», com Michele Morgan; «Silvri humani», com Elena Varzi, que regressou aos estúdios depois de dois anos de absoluta dedicação à sua pequena Eleonora.

Gostam de trabalhar juntos, como no tempo em que se conheceram. Agora, vêem a vida dum modo diferente. Especialmente ele.

— Damos um passeio? — propõe ele terminado o primeiro dia de filmagens.

— Sim — aceita, fatigada, mas contente como uma criança. — Aborrece-me estar entre tanta gente. Isto de não podermos passar despercebidos...

— Isto, minha querida, chama-se popularidade...

— É por ti que vêem...

— Por mim e por ti.O teu trabalho é perfeito. O público gosta de ti.

Por fim, quando terminaram os mútuos elogios, Raf, que ainda sente o ardor das competções desportivas, concentradas hoje no volante, abre a porta do carro para que Elena suba. Senta-se ao volante, põe o pé no acelerador e percorre a campina romana, levando ao lado a mulher que soube acalmar a sua inquieta existência.

— Que formosas são as tardes romanas! — exclama do alto duma das sete colinas em que assenta a capital da urbe romana.

— Descemos?

— Sim, isto merece-o... — aceita, satisfeito por ela ter adivinhado o seu pensamento.

O homem que, na infância, contemplou muitos pôr-do-sol atrás do turbulento Stromboli, procurando a serenidade espiritual diante daquele cenário grandioso, confia à companheira os seus mais íntimos pensamentos. O lugar e a hora convidam às confidências.

— Tu conheces-me bem e sabes como gosto de ser independente... Amo a liberdade. Por isso, costumo fugir de tudo quanto signifique disciplina, porque não quero sujeitar a minha vontade.

Elena interrompe-o, compreensiva:

— Deves dizer isso aos teus biógrafos.

— Biógrafos? Tanto me queres elevar?

— Ninguém ignora, e tão pouco tu, que és um dos actores mais estimados e mais cultos... não falemos agora das admiradoras...

Ambos brincavam como dois namorados. De mãos dadas, voltaram para o carro.

E assim que chegaram a Roma, uma nuvem de jornalistas solicita as autorizadas opiniões do inquieto Raf. Este não se esquiva às respostas:

— Socialmente, sinto-me numa posição um pouco distante entre duas classes, aparentemente opostas: camponeses e operários. Na realidade, as duas classes encontram-se em luta comum para dominar a natureza e a matéria. Se voltasse a nascer gostaria de viver ambas as experiências, para depois tornar a ser actor, que as resume a todas.

— Tão grande influência exerce o cinema sobre si?

— Pode dizer que, graças a ele, me encontrei a mim mesmo.

— Quem foram os seus mestres?

— Charlot, Griffith, Eiseinstein... Estudei-os a fundo e penso recolher os seus ensinamentos e experiências quando actuar como realizador.

— Será em breve? Anda a dizer isso há alguns anos...

— Será no momento que eu considerar oportuno. Não sinto impaciência. Podia tê-lo feito já, mas achei que primeiro deveria ser actor, e depois director. Não quis fazer as duas coisas simultâneamente.

A preparação cultural de Vallone torna-o um homem extraordinário, capaz de falar sobre os mais diversos temas. Muito observador e consciencioso, as suas autorizadas opiniões e experiência podem encher muitas páginas de revistas, pois não se nega nunca a colaborar com a imprensa. Sabe, por experiência própria, que a profissão de jornalista é dura, e conhece também a satisfação de entregar um monte de «linguados» à redacção.

Um dos filmes que mais lhe agradou interpretar foi «O signo de Vénus», sob a direcção de Dino Rossi. Nele aparecia como um homem sereno, desportivo e tranquilo, sem problemas íntimos, mas que é capaz de entregar-se ante uma frase de ternura, que explode se se julga burlado, e que se fecha hermèticamente ante a menor suspeita de incompreensão... Um homem que, afinal, corresponde inteiramente à autêntica personalidade do vulcânico Raf.

Entretanto, a cegonha traz-lhe um duplo embrulho no bico. É outro momento culminante de felicidade para o magnífico actor, cujas pupilas claras, feitas para sorrir, temos visto tantas vezes obscurecidas, quase sempre que actua no cinema.

— Não é culpa minha — responde aos que o conhecem. — Como hei-de sorrir se me confiam papéis de assassino? Não se pode matar ninguém a sorrir...

E, dizendo isto, mostra duas fieiras de dentes branquíssimos, que contrastam com os lábios sanguíneos e a pele curtida pelo sol.

FIM



Quando esteve recentemente em Paris, Vallone ofereceu uma recepção à imprensa, em que esteve presente o correspondente da «Plateia», Horta e Costa, que vemos na imagem.



A arte de ser

GALÃ CINEMATOGRAFICO

Um artigo do ex-jornalista RAF VALLONE

ESSE «tipo» romântico que é personagem obrigatória em todas as películas, o chamado «galã», cujos movimentos, palavras e olhares são seguidos, em suspenso, pelas raparigüinhas em mudança de idade que fàcilmente se deixam sonhar na obscuridade da plateia — é uma figura clássica do «écran». Nasceu com o próprio cinema.

Quando, em 1948, o realizador Giuseppe De Santis me convenceu a enfrentar as câmaras cinematográficas, e eu me vi, dum dia para o outro, transformado no «rapaz» de uma fita (como dizemos nos nossos tempos de criança), amando e protegendo a bela Silvana Mangano em «Arroz Amargo», senti imediatamente que não era nenhuma brincadeira a missão que me tinham confiado. Pelo contrário, via-me a braços, naquela primeira experiência cinematográfica, com o papel mais ingrato que se pode entregar a um principiante.

Sei que esta minha afirmação parecerá um tanto estranha, porquanto a ideia geral é de que o «galã cinematográfico» é um género de papel sem responsabilidade, acessível a qualquer rapazote bem parecido, mesmo que nunca tenha pisado palcos ou estúdios de cinema nem possua as mais ligeiras noções da arte de representar. Quase toda a gente pensa que, para se ser galã, basta ter uma boa figura, um rosto insinuante, e pronto. A «heroína» cai-lhe nos braços, o público vibra, enternecido, e quanto ao resto não há problemas...

Eu, porém, não tenho nem nunca tive essa opinião. Sempre encarei os papéis de galã sob um aspecto muito mais sério. Um galã não pode ser, ao contrário do que muitos pensam, uma figura oca, simplesmente decorativa. Desde os primeiros tempos do cinema, esse «tipo» romanesco, à volta do qual giram normalmente os entrechos de todas as películas, tem merecido os melhores cuidados de produtores e realizadores, provando-se sistemàticamente que só perduram no agrado do público e nos êxitos de bilheteira os galãs que realmente possuam as necessárias condições para poderem sair-se bem nesse lugar relevante tão difícil de conservar. Mais exactamente, o galã cinematográfico tem de ser, primeiro que tudo (e estão em erro todos os que se convencem do contrário) um habilidoso actor. E não pode ser um actor qualquer, nem mesmo um «bom» actor qualquer, visto que tem de ser dotado dessa particularidade especial que os americanos qualificam reduzidamente de «it». Há, pois, magníficos actores que nunca conseguiram nem conseguirão ser galãs. O que não encontramos, com certeza, é nenhum dos chamados «ídolos da tela» que não seja essencialmente um actor.

Desde um Rudolfo Valentino de ontem a um Rock Hudson de hoje, passando por um Gary Cooper cujos «encantos» cinematográficos se mantiveram intactos desde os vinte aos cinquenta anos de idade, não seremos capazes de apontar o nome de um galã famoso que tivesse atingido essa posição pelo simples facto de ser um atleta mocetão e de exibir uma correcta e alvar dentadura. Têm-se registado, evidentemente, durante os sessenta anos de indústria cinematográfica, metamorfoses notórias na evolução desse «tipo». Em 1920, imperava o galã elegante, o «dandy», o sedutor de punhos de renda. Em 1958, depara-se-nos um galã muito mais humano, de barba por fazer e vestuário descuidado, preocupando-se principalmente com os problemas da vida, e sem pensar em «rendez-vous» à meia luz com donzelas de românticas olheiras. E, entre o galã de há trinta anos e o da actualidade, perpassam estilos diferentes de folhetinescos heróis da celuloide, afastando-se sempre mais da composição artificial para se aproximarem do aspecto real que hoje os caracteriza. Mas, em qualquer das várias fases, nunca nenhum ídolo dos «écrans» se celebrizou apenas à custa de olhos bonitos. Tyrone Power, Robert Taylor, James Stewart, Clark Gable, Cary Grant — estes e muitos outros galãs mundialmente queridos cujos românticos predicados a acção implacável do tempo não logrou destruir, não electrizaram as plateias por serem rapazinhos de físico deslumbrante (aliás, muitos deles estavam bem longe de o ser), mas sim porque tinham uma personalidade cativante, uma força especial de simpatia, e, acima de tudo, talento interpretativo. E os próprios «Don Juans» muito penteadinhos e abrilhantinados dos antigos filmes de amor — apesar de os tempos serem outros e estar na moda o romantismo cor-de-rosa e frívolo dos jardins com muitas meninas-bem e muitos chapéus de sol — não eram colocados ao acaso diante das câmaras de filmar. Já nessa altura os realizadores sabiam um bocadinho do ofício, e não acreditavam que qualquer aprendiz de Rudolfo Valentino pudesse vir a despertar vibrações nos peitos femininos, se não possuísse esse «qualquer coisa» a que hoje chamamos «it», e se não tivesse talento para o aproveitar.

Por tudo isto, acho que é uma arte muito especial e muito difícil a de ser «galã cinematográfico». E esta convicção me levou a passar oito semanas de intenso nervosismo, ao filmar a minha primeira película, para a qual só as muitas insistências do meu amigo Giuseppe de Santis me arrastaram. Embora, nessa altura, já tivesse trinta anos, e possuísse, além de uma cultura geral bas-

tante ampla, conhecimentos um tanto profundos sobre a Sétima Arte (era crítico dessa especialidade e estudava entusiàsticamente os problemas técnicos e artísticos do cinema), confesso que tive medo de enfrentar as objectivas para fazer um papel de galã. Sentia o peso da responsabilidade.

Agora, dez anos volvidos sobre essa enervante prova, mais convencido do que nunca estou das terríveis exigências a que está sujeito um aspirante a galã. No meu caso, sei perfeitamente que agradei e venci. Mas querem saber a que considero devido o meu êxito como personagem romântico das telas? Ao facto de nunca me preocupar em seduzir as heroínas, mas apenas em ser um bom actor, ou mais exactamente, em ser diante das câmaras um homem igual a mim mesmo, igual aos homens da vida real — que sofrem e amam, sonham e lutam, em demanda de uma felicidade de que, inevitàvelmente, faz parte uma terna companheira de saias.

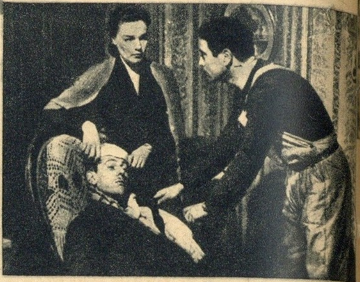
«Não há paz entre as oliveiras», com Lúcia Bosé.





«Perdoa-me», um drama violento

FILMES de RAF VALLONE



Com Simone Signoret em «Teresa Raquin». EM BAIXO: «Obsessão», com Michèle Morgan.





À ESQUERDA: Em «O Signo de Vénus», ao lado de Sophia Loren.

À ESQUERDA, em baixo: Com Maria Schell em «Uma Rosa no Lodo».

EM BAIXO: Novamente com Maria Schell em «Uragano sul Po».

AO FUNDO: «Guendalina», ao lado de Jacqueline Sassard.









N. 33

PREÇO 2$00